

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA — UFV
CAMPUS FLORESTAL — CAF
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE — IBF
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

JHONATAN CARLOS DE OLIVEIRA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O
ESPORTE: UMA REVISÃO**

FLORESTAL – MG

2025

JHONATAN CARLOS DE OLIVEIRA SILVA

**REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E O
ESPORTE: UMA REVISÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Educação Física da Universidade Federal
de Viçosa - Campus Florestal, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Educação Física.
Orientador: Ricardo Wagner de Mendonça
Trigo

FLORESTAL – MG
2025

AGRADECIMENTO

Agradeço especialmente minha namorada e futura esposa Bruna, por toda amizade, carinho, ajuda e amor durante essa jornada. Agradeço à minha mãe Cristina, meu pai Ludovico, minha irmã Izabelle e a todos meus familiares que sempre me apoiaram. Sem vocês nada disso seria possível e nem faria sentido.

Aos professores, amigos, que me ajudaram de alguma forma nesta trajetória. Aos membros da banca pelo aceite e por toda a caminhada na Universidade, em especial meu orientador Ricardo Trigo, agradeço pelas oportunidades e ensinamentos, antes mesmo deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho consiste em uma revisão bibliográfica sobre Educação Física Escolar e o Esporte. Tem como objetivo analisar na literatura materiais relacionados à Educação Física escolar e ao esporte; colaborar para uma reflexão crítica das relações entre a Educação Física escolar e o esporte; entender o uso dos esportes no desenvolvimento do componente curricular. Foram selecionados três artigos, apresentados por um quadro, contendo autor e ano; título; metodologia; objetivo e conclusão. Os resultados apresentam uma educação física refém dos desportos, com trabalhos voltados à iniciação e ao domínio dos esportes, além de uma grande reprodução das competitividades presentes na mídia. Em conclusão foi possível observar a necessidade de uma ressignificação nas práticas, com o aluno e seu contexto sendo o foco principal, onde o professor consiga fazer uso dos esportes seguindo as orientações da Base Nacional Comum Curricular e os princípios garantidos aos estudantes.

Palavras-chave: Educação Física; Esporte; Escola.

ABSTRACT

This work consists of a literature review on School Physical Education and Sports. Its objectives are to analyze materials in the literature related to school Physical Education and sports; to contribute to a critical reflection on the relationship between school Physical Education and sports; and to understand the use of sports in the development of the curricular component. Three articles were selected and presented in a table containing the author and year, title, methodology, objective, and conclusion. The results show a Physical Education that is heavily influenced by sports, focusing on initiation and mastery of sports, along with a strong reproduction of the competitiveness portrayed in the media. In conclusion, we observe the need for a redefinition of practices, with the student and their context as the main focus, where the teacher is able to make use of sports in accordance with the guidelines of the BNCC and the principles guaranteed to students.

Keywords: Physical Education; Sport; School.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Objetivos	7
1.1.1 Geral	7
1.1.2 Objetivos Específicos	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	8
2.1 Educação Física escolar	8
2.2 O esporte e o esporte escolar.....	11
2.3 Educação Física escolar x esporte	12
3 METODOLOGIA	14
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
4.1 Educação Física Escolar e Esporte: Significações de Alunos e Atletas	16
4.2 O Esporte como Conteúdo Hegemônico das Aulas de Educação Física em uma Escola de Anápolis: Um Estudo de Caso	18
4.3 O Esporte e o Ensino Médio: A Visão dos Professores de Educação Física da Rede Pública	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

Antigamente, ligada a uma questão estética e higienista, a Educação Física esteve normatizada em questões militares, busca por corpos ‘saudáveis’ e pelo homem atleta, que derrota seus adversários, se provando melhor fisicamente que os outros. Até então, se responsabilizava pela mecanização e repetição de movimentos ginásticos para um corpo estético e também oriunda da evolução capitalista europeia (SOARES *et al.*, 1992), mas passa a ser ressignificada nas escolas do Brasil, amparada fortemente aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), onde o objetivo seria democratizar seus conteúdos, com o aluno não sendo apenas um reproduutor, mas também entendendo o que está reproduzindo, o porquê e se há algo a mais para si próprio naquela reprodução.

A Educação Física na escola, ou Educação Física escolar, busca tematizar as práticas corporais abordando fenômenos culturais de acordo com a realidade dos alunos e de onde vivem. Ela está ali para oferecer oportunidades corporais/culturais. Carrega três elementos fundamentais às práticas corporais, sendo “[...]movimento corporal como elemento essencial; organização interna (de maior ou menor grau), pautada por uma lógica específica; e produto cultural vinculado com o lazer/entretenimento e/ou o cuidado com o corpo e a saúde” (BRASIL, 2018, p. 213).

É importante frisar o que a Base Nacional Comum Curricular define quando fala de práticas corporais na Educação Física, se entendendo como “[...] aquelas realizadas fora das obrigações laborais, domésticas, higiênicas e religiosas, nas quais os sujeitos se envolvem em função de propósitos específicos, sem caráter instrumental” (BRASIL, 2018, p. 213).

A diversificação das práticas corporais está relacionada à produção de um conhecimento particular, que seja íntimo e importante para o aluno, onde se sustente pela vontade de praticar, e não pela necessidade de resultar.

O currículo da Educação Física divide essas práticas corporais em unidades temáticas, seis, sendo mais específico. Sendo elas: brincadeiras e jogos; esportes; ginásticas; danças; lutas e práticas corporais de aventura. Este trabalho terá como foco principal a unidade dos esportes (BRASIL, 2018).

E ao falarmos de esporte, precisamos ter a noção de que as escolas estão sujeitas as manifestações formais da prática, mas as não formais devem ser as protagonistas nas aulas. Estas manifestações não formais englobam todo o desporto,

onde temos alunos criando ou modificando regras, para que essas delimitações façam sentido no contexto deles, e aqui conseguimos voltar totalmente aos elementos fundamentais das práticas corporais.

Trabalhando em torno do conceito, o desporto educacional, sendo o praticado nas instituições de ensino com foco no desenvolvimento integral do indivíduo, tem o foco na integração e na cidadania (BRASIL, 1998a). O uso da palavra desporto pela lei é referente a um englobamento geral de todos os esportes, onde se lê desporto pode-se também entender esporte (BRASIL, 2018).

O documento que normatiza os currículos escolares no Brasil (BNCC) prevê o uso dos esportes no nosso componente curricular, e ainda reconhece a inevitabilidade da “comparação” ao esporte de alto rendimento, quando o mesmo está ativamente presente nos meios de comunicação.

Então, como podemos trabalhar o conteúdo esporte nas nossas escolas sem que estejamos apenas reproduzindo o midiático, diretamente ligado ao alto rendimento, à submissão do seu adversário e até mesmo a busca irrefreável pelo resultado?

Pensando no contexto atual da Educação Física escolar, a dificuldade de afirmação de seus conteúdos gira em torno das suas transformações ao longo dos anos. Seria o esporte uma rota de fuga para legitimar os processos formativos que giram em torno da Educação Física na escola? Como esse esporte é trabalhado nas escolas segundo a literatura? O que a Educação Física escolar deve oferecer?

1.1 Objetivos

1.1.1 Geral

Analisar na literatura materiais relacionados à Educação Física escolar e ao esporte.

1.1.2 Objetivos Específicos

Colaborar para uma reflexão crítica das relações entre a Educação Física escolar e o esporte.

Entender o uso dos esportes no desenvolvimento do componente curricular.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Educação Física escolar

Na escola, os conceitos, músculos, eixos e esportes devem estar disfarçados nas brincadeiras, nos jogos e tudo aquilo que consiga oferecer os princípios fundamentais relacionados às práticas corporais. Valorizando a reflexão sobre a cultura corporal, a Educação Física escolar existe também para favorecer a construção de um sujeito crítico, onde tenha a possibilidade de se encontrar nos movimentos corporais, e com movimentos que lhes fazem bem.

Aqui o professor tem um papel fundamental para uma participação ativa, visando às movimentações corporais, tem a função de oferecer diferentes variáveis de movimentos e situações, para que o aluno se conecte com as atividades. A não adaptação desse profissional pode ocasionar situações que comprometam diretamente a atenção dos alunos em relação a Educação Física e os seus saberes.

É fundamental para essa perspectiva da prática pedagógica da Educação Física o desenvolvimento da noção de historicidade da cultura corporal. É preciso que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando, saltando, arremessando, balançando, jogando etc. Todas essas atividades corporais foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas (SOARES et al 1992, p. 27).

A Educação Física escolar carrega nas costas a responsabilidade de dar significado aos movimentos, às práticas corporais e ao lazer, se amparando na Base Nacional Comum Curricular, aos PCNs e na realidade em que se encontra.

A BNCC tem como objetivo garantir os direitos de aprendizagem aos alunos da educação básica, visando uma formação integral, amparada pela Constituição Federal (BRASIL, 2018). Define competências como “[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.” (BRASIL, 2018, p. 8).

Separadas em dez e chamadas de competências gerais da educação básica, giram em torno do desenvolvimento de habilidades e formação de valores.

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artísticas, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocritica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários. (BRASIL, 2018, p. 9-10).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam os objetivos do ensino básico, na busca por auxiliar os professores com a indicação de capacidades dos alunos. No final do ensino fundamental, espera-se que os alunos consigam:

Participar de atividades de natureza relacional, reconhecendo e respeitando suas características físicas e de desempenho motor, bem como a de seus colegas, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais. Apropriar-se de processos de aperfeiçoamento das capacidades físicas, das habilidades motoras próprias das situações relacional, aplicando-os com discernimento em situações-problema que surjam no cotidiano;

Adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade na prática dos jogos, lutas e dos esportes, buscando encaminhar os conflitos de forma não-violenta, pelo diálogo, e prescindindo da figura do árbitro. Saber diferenciar

os contextos amador, recreativo, escolar e o profissional, reconhecendo e evitando o caráter excessivamente competitivo em quaisquer desses contextos;

Conhecer, valorizar, apreciar e desfrutar de algumas das diferentes manifestações da cultura corporal, adotando uma postura despojada de preconceitos ou discriminações por razões sociais, sexuais ou culturais. Reconhecer e valorizar as diferenças de desempenho, linguagem e expressividade decorrentes, inclusive, dessas mesmas diferenças culturais, sexuais e sociais. Relacionar a diversidade de manifestações da cultura corporal de seu ambiente e de outros, com o contexto em que são produzidas e valorizadas;

Aprofundar-se no conhecimento dos limites e das possibilidades do próprio corpo de forma a poder controlar algumas de suas posturas e atividades corporais com autonomia e a valorizá-las como recurso para melhoria de suas aptidões físicas. Aprofundar as noções conceituais de esforço, intensidade e freqüência por meio do planejamento e sistematização de suas práticas corporais. Buscar informações para seu aprofundamento teórico de forma a construir e adaptar alguns sistemas de melhoria de sua aptidão física;

Organizar e praticar atividades corporais, valorizando-as como recurso para usufruto do tempo disponível, bem como ter a capacidade de alterar ou interferir nas regras convencionais, com o intuito de torná-las mais adequadas ao momento do grupo, favorecendo a inclusão dos praticantes. Analisar, compreender e manipular os elementos que copiem as regras como instrumentos de criação, transformação;

Analizar alguns dos padrões de beleza, saúde e desempenho presentes no cotidiano, e compreender sua inserção no contexto sociocultural em que são produzidos, despertando para o senso crítico e relacionando-os com as práticas da cultura corporal de movimento;

Conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promoção de atividades corporais e de lazer, reconhecendo-as como uma necessidade do ser humano e um direito do cidadão, em busca de uma melhor qualidade de vida. (BRASIL, 1998b, p. 89-90)

No decorrer do ensino médio, os PCNs esperam que os alunos possam:

Compreender o funcionamento do organismo humano, de forma a reconhecer e modificar as atividades corporais, valorizando-as como recurso para melhoria de suas aptidões físicas.

Desenvolver as noções conceituais de esforço, intensidade e freqüência (*sic*), aplicando-as em suas práticas corporais.

Refletir sobre as informações específicas da cultura corporal, sendo capaz de discerni-las e reinterpretá-las em bases científicas, adotando uma postura autônoma na seleção de atividades e procedimentos para a manutenção ou aquisição da saúde.

Assumir uma postura ativa, na prática das atividades físicas, e consciente da importância delas na vida do cidadão (BRASIL, 2020 p. 42).

[...] Compreender as diferentes manifestações da cultura corporal, reconhecendo e valorizando as diferenças de desempenho, linguagem e expressão [...].

[...] Participar de atividades em grandes e pequenos grupos, compreendendo as diferenças individuais e procurando colaborar para que o grupo possa atingir os objetivos a que se propôs.

Reconhecer na convivência e nas práticas pacíficas, maneiras eficazes de crescimento coletivo, dialogando, refletindo e adotando uma postura democrática sobre os diferentes pontos de vista postos em debate.

Interessar-se pelo surgimento das múltiplas variações da atividade física, enquanto objeto de pesquisa, área de grande interesse social e mercado de trabalho promissor [...] (BRASIL, 2020 p. 43).

E por fim

[...] Demonstrar autonomia na elaboração de atividades corporais, assim como capacidade para discutir e modificar regras, reunindo elementos de várias manifestações de movimento e estabelecendo uma melhor utilização dos conhecimentos adquiridos sobre a cultura corporal (BRASIL, 2020 p.43).

Essas são indicações que os parâmetros norteadores oferecem para o desenvolvimento do trabalho do professor de Educação Física, com uma continuidade do fundamental para o médio.

2.2 O esporte e o esporte escolar

O esporte, hoje tratado de forma mais simples, já foi amplamente nomeado por desporto, inclusive nas Leis.

Para este trabalho, é necessário destacarmos o artigo 3º da Lei 9.615 que trata da natureza e das finalidades do desporto:

I - desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II - desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III - desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

IV - desporto de formação, caracterizado pelo fomento e aquisição inicial dos conhecimentos desportivos que garantam competência técnica na intervenção desportiva, com o objetivo de promover o aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo da prática desportiva em termos recreativos, competitivos ou de alta competição (BRASIL, 1998a, p. 3).

Logo de início podemos perceber que os incisos I e II estão alinhados aos moldes que buscamos relatar como parâmetros, por assim dizer, para a Educação Física escolar, sendo esse o esporte que garante os direitos e princípios necessários aos alunos.

Em relação ao esporte em si, os incisos restantes oferecem claramente seus objetivos, como obtenção de resultados seguindo normas nacionais ou internacionais e competência técnica. Esse esporte, bem diferente do esporte “escolar”, é o

midiático, aquele onde a busca pela vitória não conhece limites, sejam eles físicos ou até mesmo éticos.

Nas instituições de ensino temos um contraste claro, que são os jogos escolares. Competição com regras específicas e sistemas de classificação, já se afastando do desporto educacional e de participação. Em Minas Gerais, os jogos se justificam, segundo o regulamento, por contextos de socialização, lazer e promoção de saúde por meio da prática esportiva (MINAS GERAIS, 2025).

Nas escolas, as aulas de Educação Física acabam se tornando meios para um fim, que seriam os Jogos, com o afastamento daqueles considerados menos aptos e aulas focadas quase exclusivamente em fundamentos.

Os jogos escolares buscam oferecer os princípios por direito dos alunos, como “integração e intercâmbio cultural” (MINAS GERAIS, 2025), então podemos refletir se os jogos estão realmente intencionados a fomentar isso ou apenas os princípios de rendimento e de formação. A literatura embasa essa reflexão. Neuenfeldt e Klein (2018) discorrem aos achados de seu questionário sobre os jogos.

Entre os pontos positivos dos Jogos Escolares, citados pelos professores, há o destaque para a diversidade de aprendizagens e as experiências únicas que esta competição proporciona aos alunos. Entretanto, sobressaem-se também situações que contradizem princípios educativos e percepções sobre Jogos com outra perspectiva que não seja a de rendimento (NEUENFELDT; KLEIN, 2018 p.161).

Mesmo reconhecendo todo o potencial do esporte, nas escolas, ele deve respeitar e se moldar de acordo com as especificidades do ambiente escolar (BRACHT; ALMEIDA, 2003).

2.3 Educação Física escolar x esporte

O esporte está presente se pensarmos no conteúdo que a Educação Física deve trabalhar na escola, a questão de impacto é sobre qual esporte estamos falando. SOARES *et al* (1992) diz que entendendo o esporte como um fenômeno social, podemos e precisamos questionar suas normas, adaptando para a realidade dos praticantes, redefinindo o mesmo.

A inevitabilidade da reprodução do esporte visto nos veículos de comunicação deve estar limitada ao aluno, onde o professor novamente terá o trabalho de tornar compreensível diferença, para não ocorrer uma propagação do esporte na escola.

Nesta relação é importante entender que existem outras unidades temáticas que podemos usufruir para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Esse choque entre a Educação Física nas escolas e o esporte acontece por historicamente seu conteúdo ser majoritariamente esportivista, seguindo a pedagogia de mesmo nome, que fortalece trejeitos técnicos e de rendimento, priorizando a repetição mecânica dos movimentos (DARIDO, 2012). A literatura e a realidade escolar oferecem a oportunidade de ver que essa visão ainda é muito forte nas instituições de ensino.

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da Educação Física aos códigos/sentido da instituição esportiva, caracterizando-se o esporte na escola como um prolongamento da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas etc. (SOARES *et al* 1992, p. 37).

Com a Educação Física não sendo mais a mesma de antigamente, o uso dos esportes também deve seguir a mesma lógica e evoluir, se adaptando às necessidades dos alunos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, é de caráter descritivo do tipo bibliográfico, refere-se a um estudo de revisão narrativa a partir do site de pesquisa GOOGLE ACADÊMICO, com os seguintes descritores: Educação Física, Esporte, Escola.

Foi delimitado a serem selecionados artigos publicados no GOOGLE ACADÊMICO entre o ano de 2010 até outubro de 2024.

Para ser selecionado um número menor de artigos, o artigo deveria conter a utilização de pesquisa de campo, mas todos os descritores poderiam ser encontrados em qualquer local do artigo. Assim, foram encontrados três artigos.

Os artigos selecionados foram analisados individualmente e relacionados com as demais publicações encontradas com literaturas propícias.

Os estudos encontrados foram organizados em quadros contendo as seguintes informações: autores e ano de publicação, título, objetivo do estudo, metodologia e resultados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este tópico apresentará os resultados e discussões de 3 trabalhos que foram revisados. Os resultados serão explanados em tabela, conforme abaixo.

AUTOR E ANO	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	CONCLUSÃO
RIZZO, D.T.S; ARANHA, A.C.M; FREITAS, C.M.S.M. <i>et al.</i> junho. (2016)	Educação Física escolar e esporte: significações de alunos e atletas	Analizar entre alunos e atletas diferenças ou semelhanças em relação ao significado do esporte.	De natureza qualitativa onde os sujeitos do estudo foram alunos e atletas de um centro esportivo, com aplicação de questionário.	Necessária a ressignificação no trato dos esportes dentro das escolas, alinhado a um trabalho pedagógico que fortaleça seus princípios da inclusão lazer, não se limitando às reproduções das características competitivas.
PAULA, W.M; BAPTISTA, T.J.R. março. (2016)	Esporte como conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física em uma escola de Anápolis: um estudo de caso	Identificar a materialidad e do esporte nas aulas, acreditando na importância do conteúdo.	Questionário de 9 perguntas, com 44 alunos. Sendo um estudo descritivo que também utilizou do instrumento observacional.	Destacando os 70,45% dos alunos que acreditam que o esporte da escola deve ser diferente em relação ao do clube. Elementos como cultura e competição são motivos para o reconhecimento do esporte.

SANTOS, M.A.G.N; NISTA- PICCOLO, V.L. março. (2011)	O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de Educação Física da rede pública	Entender a visão dos profissionais que trabalham no ensino médio, com o esporte e como comprehende m esse fenômeno.	Entrevista semiestruturada.	Carência de uma estruturação no uso dos esportes, para evitar apenas a imitação dos gestos técnicos. Necessidade de maior preparo dos profissionais.
---	--	---	-----------------------------	--

FONTE: Dados do autor

A discussão sobre os trabalhos será articulada em tópicos, com parágrafos carregando seus títulos.

4.1 Educação Física Escolar e Esporte: Significações de Alunos e Atletas

Este estudo teve com amostra 100 atletas e 100 alunos, entre meninos e meninas. Os considerados atletas são aqueles matriculados em um centro esportivo e os alunos estão entre o 1º e o 3º ano do ensino médio. Com um questionário composto de 13 perguntas, os dados são apresentados de forma resumida e com alguns instrumentos interessantes para a explanação das respostas, como nuvem de palavras, gráficos e quadros.

Analisando alguns dos resultados obtidos, as duas primeiras perguntas são referentes a idade e gênero. Já na terceira temos: “Você acredita que todas as pessoas podem praticar esportes? Por quê?” (grifo nosso) (RIZZO *et al* 2016). Como resultados vemos a predominância de respostas positivas em relação à prática por todos, e as negativas acabam esbarrando em justificativas por limites de saúde.

A quarta e quinta pergunta referem-se ao aprendizado sobre respeito e estresse durante as práticas esportivas. Entre os alunos, apenas 38% afirmam que aprenderam a respeitar o próximo durante as práticas, enquanto 86% dos atletas garantiram esse aprendizado. Em relação ao estresse não há negativa relevante. Com esses achados vemos que a escola ainda tem dificuldades em trabalhar com os princípios educacionais do desporto (RIZZO *et al* 2016).

Rizzo *et al* (2016) tratam na sexta pergunta sobre o incentivo para a prática

esportiva, com as opções de resposta sendo: pais; amigos; professor de EFI; outros. Entre os alunos vemos uma maior taxa de influência do professor de EFI em relação aos atletas, o que ratifica a responsabilidade de aulas mais significativas para os alunos nas escolas. Já na sétima questão, Rizzo *et al* (2016) investigam os motivos para a prática esportiva. Destacando dois dos resultados apresentados em gráfico, observamos o sonho em ser um atleta profissional predominante entre os atletas, e o gosto por esportes sendo maioria entre os alunos. Essa relação nos oferece a perspectiva de que os alunos não almejam o esporte profissionalmente, novamente fortalecendo os parâmetros educacionais e de participação nas escolas.

A questão oito busca pelo esporte que os alunos e atletas mais gostam, e a nove por aqueles que eles não gostam de praticar. As respostas coletivas ficam em segundo plano quando olhamos para um trecho em particular “[...] um aluno de 17 anos da escola que disse: “Prefiro o futebol porque é a melhor maneira de ser incluído, pois sou surdo”. Notório perceber que a pouco uma aluna dizia ser excluída pelo esporte e agora este aluno parece ser incluído devido sua participação numa prática esportiva.” (RIZZO *et al* 2016, p.439). Aqui percebemos as possibilidades do esporte, quando adaptadas à realidade dos alunos, com diferentes formas de apresentação de seus elementos.

Na décima pergunta, Rizzo *et al* (2016) tratam da participação em atividades esportivas fora do ambiente escolar ou do centro de treinamento, com 56% dos alunos e 83% dos atletas praticantes de esportes fora de seus contextos relatados. Aos alunos a rotina com outras tarefas e a dependência de transporte dos pais é justificativa, mas em ambos os casos os praticantes assíduos relatam uma vida ativa desde criança.

“Você participa de competições ou festivais? Por quê?” (grifo nosso) Já nesta pergunta de número 11, Rizzo *et al* (2016) tem como resultado entre os alunos uma afirmativa de apenas 43%, se amparando em alegações relativas à falta de técnica e oportunidade.

As questões de número 12 e por último 13, tratam de um motivo para continuar a praticar esportes e um motivo para parar com as práticas. Para continuar, entre atletas vemos “ficar famoso” e “futuro melhor para a família” nas respostas. Para os alunos a continuidade nas práticas está mais carregada de significações, como amor, felicidade e diversão (RIZZO *et al* 2016). Nos motivos de parada com as práticas, temos saúde e escola, que para os autores está relacionado ao tempo utilizado para

tarefas escolares, ou seja, os alunos veem o tempo escolar como empecilho (RIZZO *et al* 2016). Novamente retornado ao professor de EFI para um papel motivador, dando sentido aos afazeres destes alunos

4.2 O Esporte como Conteúdo Hegemônico das Aulas de Educação Física em uma Escola de Anápolis: Um Estudo de Caso

Este estudo teve como instrumentos um questionário com 9 perguntas e a observação de duas aulas. Inicialmente o projeto político pedagógico da escola também seria analisado, o que não ocorreu devido ao mesmo ainda estar sendo construído (PAULA; BAPTISTA, 2016). Usou-se perguntas abertas para valorizar as respostas e a liberdade dos participantes, estes estando matriculados no 1º e 2º ano do ensino médio, de ambos os sexos e com idade média de 15 anos. Paula e Baptista (2016) buscaram observar nas aulas a tendência pedagógica, o tipo de formação do professor e a disponibilidade de materiais.

No trabalho não temos as respostas de forma individual. São apresentadas tabelas que buscam estabelecer categorias presentes no questionário (PAULA; BAPTISTA, 2016). Na tabela 1: Concepção de Educação Física apresentada pelos alunos, cerca de 34% dos alunos responderam “esporte”. “Educação” e “diversão” quando somados não chegam a 10% das respostas (PAULA; BAPTISTA, 2016 p. 60), evidenciando uma narrativa de uma Educação Física refém do conteúdo esportivista.

A tabela 2, intitulada de Diferenciação do Esporte da Escola e do Clube, traz dados onde cerca de 70% dos alunos acreditam que a escola deve trabalhar o esporte de forma diferente, com a tabela 3 sendo sobre “Motivos pelos quais os alunos acreditam que o esporte da escola deve ser diferente”, carregando respostas importantes, com 67,74% dos alunos afirmado que “a educação física possui outros conteúdos, e seu objetivo na escola é ensiná-los e não somente praticá-los, e por este motivo se difere e muito do esporte no clube” (PAULA; BAPTISTA, 2016 p. 61).

Por fim a tabela 4 discorre sobre “Motivos que fazem o esporte ser tão conhecido”, com cultura carregando 25%, competição 22,72%, saúde e diversão com 20,45% e 18,18%, respectivamente. 13,63% não responderam. As respostas aqui reafirmam Soares *et al.* (1992), reconhecendo o esporte como fenômeno cultural, sendo assim mutável.

Partindo para a observação, Paula e Baptista (2016) relataram o domínio da

regente e da massiva participação dos alunos, com destaque da vinculação dos conteúdos científicos produzidos à realidade dos estudantes. Os autores identificaram traços que se aproximam da perspectiva crítico-emancipatória, buscando materializar condições para o desenvolvimento crítico desses alunos por meio da prática desenvolvida naquele momento. Mas por fim, Paula e Baptista (2016, p. 64) concluem que a forma de uso do esporte observado na pesquisa é “[...] contraditória, considerando a coexistência de perspectivas críticas e do senso comum no mesmo espaço.”

4.3 O Esporte e o Ensino Médio: A Visão dos Professores de Educação Física da Rede Pública

Em uma perspectiva investigativa, esse estudo busca trabalhar com a visão dos professores sobre a aplicação dos esportes nas aulas. Santos e Nista-Piccolo (2011) buscaram seus dados em escolas com ensino médio no município de Ourinhos (SP), e contaram com a participação de 10 professores de Educação Física. Inicialmente com uma ficha diagnóstica, para depois prosseguir para a entrevista semiestruturada. Ficha essa que buscou identificar tempo de cargo, situação funcional, formação, tempo de atuação, infraestrutura escolar e participação em outras atividades alheias à Educação Física.

Destaca-se aqui as respostas relativas ao tempo de atuação e a infraestrutura escolar, com metade dos entrevistados há pelo menos 10 anos na vida docente do ensino público estadual. Em relação à infraestrutura, quatro professores relatam a pouca quantidade de materiais, dois professores contam com apenas uma bola de futsal, um professor tem disponível duas bolas, e outros dois professores dizem ter entre quatro e sete bolas, mas sem outros materiais necessários (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011). Condições precárias relativas aos materiais disponíveis para os professores limitam a atuação docente. Em uma realidade onde também temos turmas cada vez mais cheias.

Partindo para a entrevista, Santos e Nista-Piccolo (2011, p. 67) organizam as respostas em unidades de contexto, classificadas em: “[...] esporte e educação; esporte e saúde; esporte e competição; o esporte como aspecto cultural; esporte na perspectiva das modalidades tradicionais; esporte e inclusão”. Essas unidades de contexto buscam unificar respostas, de modo a facilitar a leitura e aprofundar reflexões.

Em Esporte e Educação encontramos entre os professores dificuldades em relacionar os conceitos. Segundo Santos e Nista-Piccolo (2011) os professores pecam em compromisso e interesse para diversificar suas práticas, utilizando quase sempre de fundamentos do esporte apenas. Dificuldades para fazer algo diferente muitas vezes estão mais que presentes, mas os professores não podem e nem devem se encolher atrás dessas situações.

Com relação a unidade Esporte e Saúde, vemos traços esportivistas nas respostas dos professores, como iniciação e domínio dos esportes, onde aspectos culturais estão claramente deixados de lado e os desportos sendo creditados quase que como única opção no caminho para uma vida mais saudável (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011).

Na unidade Esporte e Competição, os docentes apresentam respostas que giram em torno de treinamento para os mais habilidosos, insistência em gestos técnicos e organização de torneios (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011). Também é relatado por esses professores que essas são as medidas encontradas para manter o interesse dos alunos.

As unidades de registro (UR) são constituídas através dos discursos apresentados pelos professores. Na UR - 34, temos o relato: “Nas minhas aulas, só vale regra oficial, então eu não deixo regra caseira” (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011 p. 72). Deixando clara a falta de materialidade no uso dos desportos, com a escola refém de um agente externo que deveria se moldar ao adentrar no ambiente educacional.

Ainda na unidade de contexto Esporte e Competição, Santos e Nista-Piccolo (2011) encontraram um professor apenas, que se mostrou empenhado em mudar a perspectiva vista até aqui. De todo modo, esse professor deve ser valorizado e encorajado, para que possamos usar os esportes na escola de uma forma mais inclusiva, social.

O Esporte como Aspecto Cultural apresenta dados mais positivos quando comparados às outras unidades de contexto. Com professores preocupados com as tradições regionais e suas manifestações. A UR - 23, por exemplo, traz afirmações em torno da influência da comunidade e cultura local no desenvolvimento do basquetebol (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011). A Educação Física pode se aproveitar da regionalidade e do engajamento da população no uso dos esportes. O cuidado deve estar presente para não continuarmos a reproduzir tendências que

passem pela competição exacerbada.

Na unidade Esporte e Modalidades Tradicionais temos a sinalização de limitações dos docentes no contexto, trabalhando com basquete, vôlei, futsal e handebol, geralmente divididos durante o ano e com foco nas regras e fundamentos. “[...] pudemos (*sic*) identificar a forte influência da formação tradicional, fato este evidenciado pelos relatos dos professores” (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011 p. 74).

Os autores Santos e Nista-Piccolo (2011) ainda citam a predisposição à uma visão tecnicista mesmo com professores formados a menos tempo, colocando uma interrogação na real mudança de concepção sobre bagagens carregadas pela Educação Física. Destacam também o papel da escola e a sua participação ativa na conduta e valores do estudante, não deixando a reprodução midiática do esporte se tornar o parâmetro.

Por fim, a unidade Esporte e Inclusão fornece respostas que indicam a noção dos professores a sua obrigação com o contexto, mas que não carregam explicações ou formas de inclusão (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011). Retornamos aqui a uma necessidade pela formação continua para os educadores.

Os autores enfatizam que a inclusão citada pelos docentes fica reclusa ao discurso. Buscando uma mudança nesse cenário, seria preciso primeiramente um reconhecimento desses profissionais na falha com o assunto, para que a inclusão não fique reclusa apenas a “[...] criar condições para que seus alunos participem das aulas de Educação Física” (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011 p. 76).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar e refletir com base na literatura as relações entre Educação Física escolar e o esporte, especificamente entendendo o uso dos esportes, visando colaborar para uma reflexão mais crítica sobre suas conexões. Podemos identificar fortemente a necessidade de mudanças no uso geral dos desportos, ressignificando suas práticas, aliando a realidade dos estudantes.

Conseguimos observar dados relativos a respostas de alunos, professores e também atletas, sendo indivíduos importantes na discussão devido ao direto envolvimento dos mesmos. Entre os professores podemos concluir que é necessário primeiramente uma auto avaliação, relativa aos processos utilizados no uso dos esportes dentro da escola, nas formas de inclusão, tematizações e os princípios de respeito previstos para o ambiente escolar. Entre os alunos é clara a identificação com princípios competitivos, muito associados aos contextos de visibilidade e rendimento, cabendo aqui ao sistema educacional e ao professor saber lidar e disseminar conversas associadas ao tema. O gosto por esportes se faz presente nos dados oriundos de alunos, com os professores de Educação Física sendo citados pelo papel de grande influência na relação de interesse à prática esportiva, novamente trazendo o docente ao papel principal no uso dos desportos, de mediador para os princípios relativos à construção de um ser mais crítico, consciente de suas ações e de seu contexto social.

No desenvolvimento do componente curricular, os esportes não podem ser entendidos como a única forma de representação cultural dos sujeitos, as práticas corporais estão presentes nas outras unidades temáticas, que devem ser valorizadas e disseminadas.

Portanto, podemos considerar o trabalho com esportes no ambiente escolar como um processo controverso, que se viabiliza através de reproduções midiáticas, mas que também são culturais, ou seja, elementos importantes para os alunos e seus contextos. Práticas que compartilham traços pedagógicos voltados à construção das possibilidades vistas na BNCC, mesmo com a sombra de trejeitos técnicos presentes. Diante de limitações como padrões de questionários e mudanças de perfil dos alunos, sugere-se a continuidade nos estudos que busquem se aprofundar nas reflexões que abordamos por aqui, enriquecendo e possibilitando um melhor desenvolvimento da Educação Física nas nossas escolas.

REFERÊNCIAS

- BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, 2003.
- BRASIL. **Lei nº 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências (Lei Pelé). Brasília, 1998a.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** : Educação Física /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998b.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Ensino Médio. Brasília, 2000.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- DARIDO, S.C. **Educação Física na escola**: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2012.
- RIZZO, D.T.S; ARANHA, A.C.M; FREITAS, C.M.S.M. et al. Educação Física Escolar e Esporte: significações de alunos e atletas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.19, n.2, 2016.
- MINAS GERAIS. **Jogos Escolares de Minas Gerais (JEMG)**. Regulamento Geral, 2025.
- NEUENFELDT, D.J; KLEIN, J.L. Jogos escolares e Educação Física Escolar: investigando esta (des)articulação. **Revista Thema**, v. 17, n. 1, p. 151–171, 2020.
- PAULA, W.M; BAPTISTA, T.J.R. O esporte como conteúdo hegemônico das aulas de Educação Física em uma escola de Anápolis: um estudo de caso. **Kinesis**, ed. especial, v.34, 2016.
- SANTOS, M.A.G.N; NISTA-PICCOLO, V.L. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de Educação Física da rede pública. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.1, p.65–78. 2011.
- SOARES, C.L. et al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo, 1992.